
**VIDAS SECAS EM FRAGMENTOS SERIADOS: A REPUBLICAÇÃO
DA HISTÓRIA DE FABIANO E SUA FAMÍLIA NO PERIÓDICO
COMUNISTA *O MOMENTO FEMININO* NOS ANOS 1950**

Vidas Secas in Serialized Fragments: the Republication of the Story of
Fabiano and his Family in the Communist Journal
O Momento Feminino in the 1950s

Thiago Mio Salla¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar a republicação seriada de *Vidas secas* (1938), livro de Graciliano Ramos, capítulo a capítulo, em *O Momento Feminino* (1947-1956), revista de orientação comunista, entre setembro de 1951 e novembro de 1953. Considerando-se o pressuposto de que o suporte participa ativamente da produção do sentido de um texto, procurar-se-á examinar as leituras e significados agregados ao romance em função do enquadramento a ele determinado pelo referido periódico, que fazia parte do projeto político e educacional do PCB voltado às mulheres brasileiras. Nesse sentido, o texto de Graciliano não será encarado apenas como uma produção única que integra o rol de obras do escritor, tal qual se pressupõe inicialmente da análise da edição em livro do romance, mas enquanto mais um elemento a participar da constelação sógnica erigida por *O Momento Feminino*.

PALAVRAS-CHAVE: Graciliano Ramos; *Vidas secas*; *O Momento Feminino*; Imprensa comunista.

ABSTRACT: This article aims to analyze the republication of the novel *Vidas secas* (1938), a book by Graciliano Ramos, chapter by chapter, in *O Momento Feminino* (1947-1956), a communist oriented magazine, between September 1951 and November 1953. Given the assumption that the medium has an active role in the production of the meaning of a text, this article will examine the readings and senses aggregated to the novel according to the framework given to it by the referred journal, which was part of the political and educational project of PCB addressed to Brazilian women. In this sense, Graciliano's text will not be seen only as a single production that is part of the writer's works list, as it is initially implied by the analysis of the novel as published in book form, but as an additional element to join the semiotic constellation built by *O Momento Feminino*.

KEYWORDS: Graciliano Ramos; *Vidas secas*; *O Momento Feminino*; Communist press.

¹ Docente Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Na tradição dos estudos em torno da gênese e da publicação do romance *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, costumam ganhar relevo cartas, entrevistas e diferentes relatos que desnudam o processo de confecção do livro. Nesse contexto, destacam-se: uma missiva enviada a João Condé por Graciliano, na qual este confia detalhadamente a ordem de escrita de cada um dos capítulos-contos que integram a obra (RAMOS, 1988, p. 200-202); a correspondência trocada entre o artista alagoano e Benjamín de Garay, um de seus tradutores argentinos, que lhe demandara contos regionais para serem estampados na imprensa portenha, com o fito de tornarem o romancista brasileiro conhecido por lá antes do lançamento de *Feudo Bárbaro* (*S. Bernardo*) (MAIA, 2008); uma palestra do escritor com o jornalista Brito Broca, no calor do lançamento de *Vidas secas*, em 1938, na qual aquele esmiúça diferentes aspectos de tal produção (RAMOS, 2014, p. 66-72); a crônica “Alguns tipos sem importância”, também de cunho metaliterário, em que, uma vez mais, o ficcionista relata a história do romance que se iniciou com um conto sobre a morte da cachorra Baleia (RAMOS, 2002, p. 190-2). Além desse conjunto textual de autoria do próprio Graciliano, também tem relevância o depoimento “*Vidas secas*”, de Rubem Braga, que relata os bastidores da escritura desse “romance desmontável” (BRAGA, 1938, p. 3).

Todavia, em meio à recuperação desse conjunto de fontes extraliterárias invocadas para documentar e explicar a história e a estrutura do romance, omite-se o papel desempenhado pela imprensa enquanto suporte inicial de publicação da maioria dos capítulos-contos que integram a obra e enquanto meio de veiculação, a posteriori, da totalidade dos quadros que enfeixam a vida de Fabiano e de sua família. Dos treze capítulos que compõem *Vidas secas*, dez foram publicados primeiramente em jornais e revistas, sobretudo do Rio de Janeiro, então capital federal. O conto “Baleia” veio a público inicialmente no carioca *O Jornal*, em 23 de maio de 1937. Somente seis meses depois, aparece “O Mundo Coberto de Penas”, estampado na *Revista Acadêmica*, com a indicação: “trecho de romance a sair — *Vidas secas*”. Tem-se aí um dado importante: os personagens utilizados por Graciliano anteriormente, no relato da morte da cachorra Baleia, reapareciam em uma nova narrativa que, por sua vez, integrava um todo maior, ou seja, o romance *Vidas secas*. Nesse sentido, não deveriam ser vistos de modo isolado, como se pensara a princípio, mas enquanto partes reunidas sob o rótulo “*Vidas secas*”, que conferia unidade aos fragmentos e ressignificava o texto matriz e os outros que viriam a seguir.²

² Além de “Baleia” e “O Mundo Coberto de Penas”, também ganharam publicação inicial na imprensa brasileira os seguintes contos-capítulos de *Vidas secas*: “Pedaço de Romance” (excerto

Interessante observar que Graciliano optou por utilizar, pela primeira vez, o título *Vidas secas* na *Revista Acadêmica*. Como se sabe, tal periódico conferiu ao autor, quando este ainda se encontrava no cárcere, o Prêmio Lima Barreto. Além disso, também dedicou todo um volume, o de número 27, de maio de 1937, à análise do romance *Angústia* e a uma homenagem ao romancista alagoano. A chancela da *Revista Acadêmica* servia para dirimir qualquer receio que Graciliano ainda tivesse a respeito da história da cachorra, de Fabiano, de Sinhá Vitória e dos meninos,³ bem como colaborava para reiterar e consolidar o valor literário do texto.

Conhecida a sequência de publicação dos capítulos de *Vidas secas* na imprensa, revela-se também interessante observar a discrepância entre a ordem dos capítulos no livro, a ordem de escritura dos textos (a partir da referida carta enviada por Graciliano a João Condé) e a sucessão em que os trechos da obra foram publicados em jornais e revistas brasileiros antes do lançamento do romance pela Livraria José Olympio Editora em 1938. Tome-se o quadro abaixo:

Ordem dos capítulos no livro <i>Vidas secas</i> (RJ: José Olympio, 1938)	Ordem da composição dos capítulos (1937)	Ordem da publicação dos capítulos na imprensa (1937-1938)
Mudança	Baleia, 4 de maio	Baleia, <i>O Jornal</i> , 23 maio 1937
Fabiano	Sinha Vitória, 18 de junho	O mundo coberto de penas, <i>Revista Acadêmica</i> , nov. 1937

do capítulo “Cadeia”), *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 5 dez. 1937 (“Cadeia”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1938, II. Borsoi, p. 26-7); “Mudança”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1937; “Trecho de Romance” (parte do capítulo “Sinha Vitória”), *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, 1938; “Travessura” (do capítulo “O menino mais novo”), *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1938 (Copyright de I.B.R.); “Fabiano”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1938, p. 22-23; “Serão” (fragmento do capítulo “Inverno”), *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 16 mar. 1938, e *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 abr. 1938 (Do romance inédito *Baleia* — Copyright de I.B.R.); “Festa”, *Lanterna Verde*, Rio de Janeiro, abr. 1938; “Viagem” (fragmento do capítulo “Fuga”), *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 abr. 1938 (Do romance *Vidas secas* — Copyright de I.B.R.).

³ Na já referida carta a Condé, Graciliano destaca: “Publicada a história, não comprei o jornal e fiquei dois dias em casa, esperando que os meus amigos esquecessem Baleia. O conto me parecia infame – e surpreendeu-me falarem dele. A princípio julguei que as referências fossem esculhambação, mas acabei aceitando como razoáveis o bicho, o matuto, a mulher e os garotos” (RAMOS, 1988, p. 200-2).

Cadeia	Cadeia, 21 de junho	Cadeia, <i>D. de Notícias</i> , 5 dez. 1937
Sinha Vitória	O menino mais novo, 26 de junho	Mudança, <i>O Jornal</i> , 19 dez. 1937
O menino mais novo	O menino mais velho, 8 de julho	Sinha Vitória, <i>Anuário Brasileiro de Literatura</i> , jan. 1938
O menino mais velho	Inverno, 14 de julho	O menino mais novo, <i>D. de Notícias</i> , 23 jan. 1938
Inverno	Mudança, 16 de julho	Fabiano, <i>O Cruzeiro</i> , 29 jan. 1938
Festa	Festa, 22 de julho	Inverno, <i>Folha de Minas</i> , 16 mar. 1938
Baleia	Contas, 29 de julho	Festa, <i>Lanterna Verde</i> , abr. 1938
Contas	Fabiano, 22 de agosto	Fuga, <i>D. de Notícias</i> , 14 abr. 1938
O soldado amarelo	O mundo coberto de penas, 27 de agosto	
O mundo coberto de penas	O soldado amarelo, 6 de setembro	
Fuga	Fuga, 6 de outubro	

Fig. 1. Tabela com a ordem dos capítulos de *Vidas secas* no livro; com a sequência cronológica de escritura de cada texto da obra; e com a sucessão em que os mesmos foram publicados na imprensa.

Observa-se que, quando Graciliano publicou “O Mundo Coberto de Penas” na *Revista Acadêmica*, já havia composto todos os capítulos da obra. Então, paira a pergunta: por que escolhera justamente esse trecho para dar continuidade à divulgação da história da morte da Baleia? E mais: por que, após “Baleia”, não optou por publicar na imprensa os textos de *Vidas secas* de acordo com o ordenamento já arquitetado para a obra (por mais que os textos tenham saído em diferentes periódicos — *O Jornal*, *Revista Acadêmica*, *Diário de Notícias*, *Anuário Brasileiro de Literatura*, *O Cruzeiro*, *Lanterna Verde* e *Folha de Minas*)?

A resposta a tais questionamentos ajudaria a entender melhor o estatuto de cada escrito (políptico, conto, capítulo de romance), bem como corroboraria a compreensão mais acurada da estrutura aparentemente

descontínua, espiralada e especular da obra (BUENO, 2006, p. 641-64; MOURÃO, 1971, p. 117-32; e CANDIDO, 2006, p. 62-8). Todavia, tal ambição extravasa os modestos limites do presente artigo, cujo foco, circunscrito à articulação entre suporte jornalístico e texto literário, restringe-se ao exame da republicação de *Vidas secas* no periódico comunista *O Momento Feminino* no início dos anos 1950, fato ainda mais desconhecido pelos estudiosos da obra de Graciliano Ramos.

O MOMENTO FEMININO

A primeira edição em livro de *Vidas secas*, publicada pela Livraria José Olympio Editora, saiu das oficinas da Empresa Gráfica *Revista dos Tribunais* no primeiro semestre de 1938. Também por obra da José Olympio, a segunda edição do romance deu-se no contexto da publicação das então obras completas do escritor em 1947. Vale assinalar ainda que, um ano antes, três capítulos do livro (“Cadeia”, “Festa” e “Baleia”) foram incluídos pelo próprio autor na coletânea de contos *Histórias incompletas* (Porto Alegre: Globo, 1946).⁴

Quando o romance estava em vias de alcançar sua terceira edição ainda pela José Olympio (1952), começou a ser publicado, capítulo a capítulo (na sequência arquitetada pelo autor quando da edição em livro), em *O Momento Feminino* (1947-1956). Nessa folha de orientação comunista, os treze capítulos da obra foram publicados sucessivamente no transcorrer de um longo intervalo de tempo que vai de setembro de 1951 a novembro de 1953.

O Momento Feminino foi criado pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) no âmbito do curto período de legalidade do partido, entre 1945 e 1947. Nesse cenário de aparente abertura do país, após oito anos de vigência do Estado Novo getulista, quatro representantes femininas foram eleitas para a Câmara de Vereadores do Distrito Federal, duas delas integrantes dos quadros do Partidão. Assim, com o incremento da militância e da participação política das mulheres, se antes alguns periódicos atrelados ao PCB ou influenciados por ele apresentavam apenas seções, páginas ou suplementos dedicados a elas (tais quais aqueles presentes na *Tribuna Popular* e na *Folha do Povo*), tornava-se cada vez mais necessária a criação

⁴ Convém mencionar ainda que a primeira edição argentina do livro saiu em 1947, pela Editorial Futuro, de Buenos Aires; e que a versão polonesa de *Vidas secas* data de 1950 (Varsóvia: Czytelnik).

de um veículo dedicado especificamente a este público (RUBIM, 1986, p. 51).

Tendo em vista o reconhecimento e, por sua vez, o atendimento dessa demanda, *O Momento Feminino* foi fundado em 25 de julho de 1947, no Rio de Janeiro. Dirigido por Arcelina Mochel, advogada e vereadora pelo PCB carioca, o periódico sobreviveu, apesar das adversidades financeiras, até fins de 1956. Nesse percurso, chegou a tornar-se uma revista ilustrada em cores, vendida em dezesseis estados. Na então Capital Federal, sua rede de distribuição regular incluía vinte favelas (PAZ, 2012, p. 67). Sua tiragem era variável: ora mensal, ora bimensal, ora trimestral (no início funcionava como um jornal diário).

Em linhas gerais, apresentava-se como o “primeiro jornal feminino democrático, exprimindo os anseios da mulher brasileira por uma vida melhor e mais digna”. Em seu programa constava colocar-se “em defesa da paz, da felicidade das crianças, de direitos iguais para a mulher trabalhadora, de uma vida tranquila para a dona de casa, contra a exploração da mulher do campo” (CINCO ANOS, 1952, p. 4). Destacava-se ainda entre as suas bandeiras a luta contra a carestia, contra os atentados às liberdades democráticas, bem como pelo aumento de salários, num contexto de restrições políticas, Guerra Fria, arrocho e pauperização da classe trabalhadora. Com vistas a explicitar as linhas de militância do periódico e o papel de conscientização que ele pretendia desempenhar, Arcelina Mochel escreveu no primeiro número de *O Momento Feminino*:

Precisamente quando avultam os problemas do povo brasileiro e sua solução econômica encontra obstáculos cada vez maiores, aparece *O Momento Feminino*, órgão de luta auxiliar de todas as mulheres para cumprir uma tarefa no seio da coletividade brasileira para ajudar o erguimento intelectual, político e econômico em nossa pátria (MOCHEL, 1947, p. 1).

Na consecução de tais objetivos, *O Momento Feminino* não só era feito apenas por mulheres, como sua publicação era financiada prioritariamente por mulheres. Diferentemente dos suplementos femininos dos grandes jornais diários, não contava com matérias pagas, nem com anúncios polpidos. Em função disso, sobrevivia graças ao empenho de representantes de venda atreladas ao partido que, de casa em casa, ofertavam números avulsos e assinaturas anuais do periódico. Tais agentes também realizavam rifas e promoviam eventos com o objetivo de ampliar a vendagem e a capilaridade do periódico. Tais particularidades relacionadas à circulação

e à difusão do veículo repercutiam em sua linha editorial: para além de produzir matérias de interesse do lar, com o foco em modas e bordados, *O Momento Feminino* pretendia:

[...] elevar a mulher ao lugar que lhe compete na sociedade, levá-la a participar ativamente na luta por melhores dias, contra os salários de fome, contra a carestia sempre crescente, contra a ameaça de envio de nossos jovens para guerras injustas, pela vida das crianças, contras as alarmantes taxas de mortalidade infantil (UM JORNAL, 1953, p. 3).

Ao mesmo tempo em que definia um escopo de luta e, para tanto, reivindicava a autonomia da mulher, *O Momento Feminino* também tinha como pautas assuntos mais tradicionais concernentes a uma visão mais conservadora de quais seriam as atribuições do gênero feminino. Nesse sentido, a cada número do periódico, são comuns páginas dedicadas a dicas de moda, corte e costura, bordado, preparação de enxoval; receitas de culinária (destaque para a seção “Cozinha”); ensinamentos voltados à educação dos filhos; indicações para a construção de brinquedos; conselhos às donas de casa (como aumentar a durabilidade das flores, como retirar o mau cheiro de garrafas térmicas etc.) e reportagens de beleza (como cuidar da pele no inverno, como ajeitar o penteado etc.). Vale ressaltar que, nos números iniciais, o título da publicação vem acompanhado do seguinte dístico: “Um jornal para o seu lar”.

Aparentemente, ao contemplar tal visão menos progressista do papel da mulher, as editoras de *O Momento Feminino* visavam a ampliar o público leitor da revista para além dos círculos partidários. No número 89, de dezembro de 1951, o periódico abriu espaço para as opiniões de suas assinantes. No texto “Mesa redonda com as leitoras”, encontravam-se as seguintes críticas ao veículo: ele concedia demasiada ênfase ao tratamento de assuntos estrangeiros; a página voltada à infância seria pouco desenvolvida; fazia-se necessário abordar com mais profundidade temas relacionados à educação e à orientação das crianças; as receitas da seção “Cozinha” seriam muito extensas e caras; e o jornal se mostraria demasiado político: convinha que ele fosse mais leve. Tal conjunto de críticas revela que, de fato, a difusão de *O Momento Feminino* não se restringia à militância comunista, bem como diagnostica a necessidade de a publicação se aprimorar no movimento de angariar tais leitoras não identificadas com o PCB ou simplesmente desejosas de um conteúdo menos politicamente comprometido.

A justificar as críticas supracitadas convém destacar que boa parte das páginas iniciais da publicação era reservada à propaganda do partido. Defendiam-se as principais bandeiras do PCB naquele momento, tais como a Campanha do Petróleo e, sobretudo, a Campanha pela Paz, uma iniciativa mundial conjunta de todos os partidos ligados ao Kremlin, no contexto da Guerra Fria. Nesse sentido, percebe-se que o Partidão assinalava para o movimento feminino (não feminista), principalmente, o papel de subsidiar a máquina partidária no desenvolvimento de suas campanhas. Tal enquadramento valeria não apenas para o periódico, mas também para a Federação de Mulheres do Brasil, entidade civil de caráter nacional, criada em 1949 por intelectuais aglutinadas em torno de *O Momento Feminino* e, por sua vez, sob forte influência do PCB (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 226).

Ainda de acordo com tal chave propagandística, *O Momento Feminino* também não deixava de exaltar a União Soviética e, paralelamente, de desmistificar o discurso construído em torno do Estado socialista por parte do Ocidente. Nesse sentido, o número 94 da publicação, referente a julho de 1952, traz o depoimento de Heloísa Ramos, que acompanhara o marido Graciliano Ramos em viagem pela Eurásia:

Saindo de um país [faz referência ao Brasil] onde, segundo afirmou o Ministro da Educação, em 1950, morre uma criança de dois em dois minutos, percorremos as creches, jardins da infância e vimos crianças robustas e felizes. Homens e mulheres, nas ruas, nos cinemas, nos teatros e locais de trabalho — desde Moscou até Leningrado, a Tbilice, Cagra, Sukhume e Cori — falam de um mundo novo, da felicidade e da paz. [...] Visitamos ainda as escolas, museus, bibliotecas, onde a cultura surpreende o visitante que vem de um país de 57% de analfabetos. É tudo grandioso e belo. Não encontramos a cortina de ferro amplamente divulgada no Ocidente. A União Soviética tem as suas portas abertas a todos os amigos da paz, a todos que desejam realmente ver e sentir esse mundo novo que surgiu na Pátria do Socialismo (IMPRESSÕES DA URSS, 1952, p. 3).

Seguindo essa diretriz internacionalista, o periódico também fazia a cobertura jornalística de eventos do movimento feminino, em escala mundial, organizados pelo PC. Destaque, por exemplo, para as reportagens realizadas por *O Momento Feminino* a respeito do II Congresso Internacional

de Mulheres, encontro realizado em primeiro de dezembro de 1948, em Budapeste, sob a batuta da Federação Democrática Internacional das Mulheres, organização em cujas fileiras então militavam 80 milhões de pessoas. Mediante tal foco de interesse, enfatizava-se a necessidade de organizar os comitês de militantes do sexo feminino quer no próprio país, quer para além das fronteiras brasileiras.

Com o fito de fomentar a organização feminina e em consonância com sua postura aguerrida de crítica ao *status quo*, *O Momento Feminino* ainda se destacava pela insistente publicação de notas e reportagens em torno dos principais problemas nacionais. De acordo com essa linha editorial, mostravam-se recorrentes textos e fotos que davam conta do aumento avassalador do custo de vida; do empobrecimento das classes trabalhadoras, cada vez mais esfoladas pelos patrões; da miséria das populações rurais; do incremento da fúnebre taxa de mortalidade infantil, como resultado da ancestral omissão do governo; de atentados contra as liberdades democráticas; de denúncias contra violências policiais etc. Enfim, construía-se um amplo mosaico destinado a documentar as mazelas do país, que não deixava de realçar as lutas realizadas pelas mulheres para superar tal situação. Como se verá, esse enquadramento, sobretudo, repercutirá no direcionamento do sentido do romance *Vidas secas* estampado nas páginas de *O Momento Feminino*.

VIDAS SECAS EM O MOMENTO FEMININO

Em campanha lançada por *O Momento Feminino* em seu número 101, datado de agosto/setembro de 1953, o periódico procura, uma vez mais, especificar sua missão: emancipar as mulheres e prepará-las para que pudessem conferir uma vida melhor a seus filhos, sem deixar, porém, de apresentar-se como uma “distração para os seus olhos e recreação para seu espírito” (POR UMA REVISTA, 1953, p. 3). Tal perspectiva horaciana de conciliar o útil e o agradável, com privilégio para o primeiro elemento da relação, norteia as produções literárias que figuram na revista. Além de *Vidas secas*, único romance publicado seriada e integralmente no veículo, cada volume de *O Momento Feminino*, durante o período estudado, conta com pelo menos um conto, quer de autores consagrados (Dostoievski, Maupassant, Machado de Assis etc.), quer do recém-falecido Monteiro Lobato, que esteve próximo do PCB antes de sua morte, em 1948 (“Negrinha”, “Colcha de retalhos”, “O jardineiro Timóteo” etc.), quer de autores russos contemporâneos, entre os quais estariam Boris Plevói e Piotr

Pavlenko, escritores identificados com o realismo socialista.⁵ Ambos tiveram seus livros *Um homem de verdade* e *A felicidade*, respectivamente, traduzidos e publicados na coleção “Romances do Povo”, lançada pela Editorial Vitória em 1951. Tal coleção, coordenada por Jorge Amado, fazia parte do esforço partidário de difusão de uma literatura orientada pelo engajamento artístico do zhadnovismo,⁶ que permitisse a atração de novos militantes e a formação das bases do partido (RUBIM, 2007, p. 403).

Em princípio, esse destaque para autores adeptos do realismo socialista fazia com que a presença de *Vidas secas* em *O Momento Feminino* soasse, no mínimo, estranha. Como se sabe, após a radicalização do partido em promover uma “cultura proletária” em oposição à supostamente decadente “cultura burguesa”, no contexto da Guerra Fria, o comunista Graciliano perdera prestígio com a cúpula do Partidão. Segundo avaliação do PCB, na medida em que a obra do autor alagoano não tematizava o triunfo do povo, ela estaria impregnada tão somente de negativismo, “revelando um pessimismo contrarrevolucionário e elitista” (FLORENT, 2006, p. 147). Em outras palavras, o autor de *Angústia* teria estagnado no realismo crítico e não teria evoluído para o realismo socialista⁷ (MORAES, 1992, p. 260).

Todavia, a leitura em chave documental conferida a *Vidas secas* pela ambiência discursiva de *O Momento Feminino* potencializava o realismo crítico da obra, ou seja, reforçava sua crueza ao pintar as mazelas do interior do país. Nesse sentido, por mais que o texto não tratasse Fabiano como um herói revolucionário, em contrariedade àquilo que preconizava o realismo socialista, registrava minuciosamente a miséria, a alienação, a violência e a exploração que minavam toda a família do sertanejo. Tal material romanesco, conjugado ao quadro análogo de adversidades que assolava a população brasileira descrito, em chave jornalística, pela revista comunista, corroborava para melhor fundamentar as lutas fomentadas pelo periódico, sobretudo contra a pauperização das classes trabalhadoras, cada vez mais desprovidas dos recursos mínimos para subsistir. Em outras palavras, o aparente

⁵ No número 96 de *O Momento Feminino*, referente a outubro e novembro de 1952, avulta o conto “O último dia de Matvei Kusmin”, de Boris Polevói (p. 6 e 10). No número 98 da revista, de janeiro e fevereiro de 1953, destaca-se a narrativa “A Vida”, de P. Pavlenko (p. 4 e 12).

⁶ Segundo tal orientação, derivada do nome de Andrei Zhdánov (1896-1948), censor das artes e da literatura na URSS e promotor do realismo socialista, “em lugar da cultura burguesa ‘decadente e degenerada’, escritores e artistas se empenhariam em edificar a ‘cultura proletária’, a única capaz de desmistificar os valores morais da classe dominante e sustentar o caráter revolucionário da obra de arte. As inovações estéticas passariam a ser condenadas como antissoviéticas e contrarrevolucionárias” (MORAES, 1992, p. 259).

⁷ “Segundo Máximo Gorki, o realismo crítico precedia o realismo socialista do mesmo modo que o capitalismo precedia o socialismo” (FLORENT, 2006, p. 162).

negativismo do romance passava a ser canalizado para as transformações e esforços envidados por *O Momento Feminino*.

Mais do que expor em linhas gerais o modo por meio do qual o meio atua na produção da mensagem (CHARTIER, 2002, p. 61-62), convém especificar a proximidade temática entre as denúncias feitas pela revista e o conteúdo mais patente do romance, observando em que medida tal correlação faz com que se atualize uma leitura mais documental do texto literário de Graciliano. Tome-se, a princípio, o seguinte excerto de *O Momento Literário*:

A verminose, a malária, a vida em barracões sem higiene, expostos aos azares do tempo, trabalhando para o dono da terra que mal lhes paga para o sustento da família (um pouco de farinha, milho e rapadura), assim vive o nosso camponês e assim procriam gerações após gerações esses pequeninos seres que, em sua esmagadora maioria, não chegam ao primeiro ano de vida. / Na cidade, a situação é semelhante: nos subúrbios ou nas favelas, sucedem-se os barracos sem luz, sem esgoto, sem água sequer para a comida. As crianças vivem em promiscuidade, seminuas, sem escolas. O ordenado de um chefe de família mal dá para o pagamento de uma habitação modesta (ABANDONADAS, 1951, p. 7).

Além de documentar a situação de miséria do campo, o trecho revela que a população das cidades padecia de dramas parecidos com os do sertanejo corroído pela verminose. Tanto num espaço quanto no outro faltavam os meios básicos de subsistência. Em certo sentido, tal constatação, confrontada com os quadros descritos em *Vidas secas*, permitiria alargar as fronteiras geográficas do romance: ele nãoalaria apenas do sertão nordestino, mas, por analogia, englobaria adversidades extensíveis a toda localidade seja no campo, seja na cidade. Nesse sentido, se o texto literário de Graciliano registra as particularidades de uma realidade específica, um movimento de solidariedade entre desfavorecidos irmanaria seus sertanejos aos camponeses e operários incluídos no discurso de *O Momento Feminino*.

No número 91 da revista, de fevereiro de 1952, lê-se o seguinte com relação ao aumento de mais de 50% do custo de vida ao longo do primeiro ano do governo Vargas:

As mulheres de todo o Brasil, não só as donas de casa, mas as que trabalham e sofrem os efeitos da carestia, devem multiplicar seus protestos e suas ações. Através [delas]

farão sentir aos governantes, especialmente ao Sr. Presidente da República e a seu ministério, que são os principais responsáveis pela miséria que aumenta nos lares, que não estão dispostas a suportar e a permitir novas ofensivas contra suas bolsas e que é forçosa a baixa imediata dos artigos de 1ª necessidade (AUMENTA, 1952, p. 3).

De acordo com tal perspectiva, na medida em que “governo era governo”, ou seja, mais uma forma de opressão, seria preciso multiplicar os esforços de todos os trabalhadores no combate à carestia e à pauperização decorrente do poder central. Não convinha, portanto, a postura conformista de Fabiano (apesar de sua latente pulsão violenta), que naturalizava tanto a exploração de que era vítima quanto a sua condição miserável, mais próxima do polo da natureza do que da civilização. Dessa maneira, *Vidas secas* documentaria um caso extremo de alienação, ratificando a necessidade de se incrementar a luta para que tal estado de coisas deixasse de ser verdade nos diferentes rincões brasileiros.

O Momento Feminino dedicou inúmeras páginas ao caso de Maria Afonso Lins, militante presa por se colocar publicamente a favor da paz e contra o envio de tropas brasileiras à Coreia. Da penitenciária de Bangu, na qual se encontrava presa, denuncia casos de violência policial contra as detentas:

Esta sociedade que aí está perdeu a capacidade de assistir a maioria de seus membros. Estas pobres infelizes que a polícia espanca, prende e arrebanha para os presídios vêm do interior dos Estados e dos morros da cidade, em busca de meios para a sua fome crônica. Muitas delas, quase a totalidade, são adolescentes que mereceriam apoio, carinho e proteção se outra fosse a mentalidade dos governantes e responsáveis pelos destinos de nosso povo. [...] Para sentir e assistir a tantas injustiças é que sairei daqui ainda mais disposta a lutar pela união e organização das mulheres, único meio de resolver problemas tão angustiantes (LINS, 1952, p. 9).

Avulta aqui a noção de injustiça, central para se compreender o drama de Fabiano (mais especificamente no capítulo “Cadeia”). Contrária à aceitação desse estado de coisas, a diretriz final imposta por Maria Afonso Lins revela que as monstruosidades que presenciara apenas aumentariam sua

disposição de militante em prol da solução de “problemas tão angustiantes”. Nesse sentido, se se adotar uma chave de leitura parecida para *Vidas secas*, pode-se considerar que o espetáculo de mazelas e violências documentadas pelo romance teria também esse poder de fomentar a luta e a necessidade de transformação da sociedade. Em certo sentido, a ausência de heroísmo inerente ao realismo crítico de Graciliano seria aparentemente “corrigida” pela retórica libertadora propagandeada pelo periódico.

Na reportagem “Lutam as Mulheres de Juazeiro do Norte”, de Adelina Bezerra Lima, estampada no número 100 da revista, ressaltava-se o heroísmo da população sertaneja por simplesmente subsistir naqueles rincões bravos, onde se desconhecia a presença do Estado de Direito. Por lá “vive-se combatendo a morte sem armas”. Em seu relato, a jornalista entrevistara Maria José Baião, a parteira mais conhecida da cidade:

Disse-nos ela que trabalha há 33 anos e que sempre acontece ter de fazer os partos no chão por não ser possível arranjar, pela premência do tempo, camas emprestadas. Isto prova que a maioria da população não conhece o conforto de uma noite de descanso em um leito, depois de um fatigante dia de trabalho (LIMA, 1953, p. 13).

O paralelo aqui com *Vidas secas* se faz evidente: o grande sonho de Sinha Vitória de possuir uma cama de couro igual à de seu Tomás da Bolandeira continuava irrealizável para as populações sertanejas. A cama enquanto índice de estabilidade e civilização, algo aparentemente comezinho, permanecia distante daquelas paragens, onde imperavam a exploração brutal e a omissão do Estado.

Na medida em que privilegia tal leitura documental da história de Fabiano e sua família, *Vidas secas* em *O Momento Feminino* coloca em segundo plano a riqueza estrutural do livro enquanto equacionamento mais bem-acabado do impasse na figuração do outro por parte do romance de 1930 (BUENO, 2006, p. 659). Nesse sentido, os recursos retórico-estilísticos mobilizados por Graciliano para se aproximar dos “brutos” sem qualquer falsa simpatia (opção pela terceira pessoa, pelo discurso indireto-livre e pelo monólogo interior), os quais problematizam a distância que separava aquele narrador do mundo narrado, ficam latentes ante a aproximação unilateral e imediata proposta pelo discurso comunista.

Com essa afirmação não se quer dizer que o livro tenha sido mutilado ou perdido sua riqueza literária. Muito pelo contrário: esta lhe seria inerente. Todavia, o que se pretendeu destacar aqui foi o direcionamento de sentido da obra proporcionado pela especificidade da apreensão de *Vidas*

secas no suporte *O Momento Feminino*. Na medida em que o discurso construído por este tende a privilegiar a atualização de uma leitura mais documental do texto de Graciliano, *pari passu* aos conteúdos jornalístico-doutrinários enfeixados em suas páginas, o significante literário perde espaço para o reenquadramento de sentido do significado do romance. Em outras palavras, ganha relevo uma suposta correspondência imediata entre a obra e o mundo descrito pela publicação comunista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABANDONADAS as crianças brasileiras. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, n. 88, p. 7, nov. 1951.

AUMENTA a miséria nos lares. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, n. 91, p. 3, fev. 1952.

BRAGA, Rubem. Vidas secas. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1938. 1º suplemento, p. 3.

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão*. 3 ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CINCO ANOS em defesa dos direitos da mulher e da criança! *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, n. 94, p. 4, jul. 1952.

FLORENT, Adriana Coelho. Roupas sujas se lava em casa. Graciliano Ramos, escritor e comunista na era Vargas. In: RIDENTI, Marcelo et al. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

IMPRESSÕES DA URSS. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, n. 94, p. 3, jul. 1952.

LIMA, Adelina Bezerra. Lutam as mulheres de Juazeiro do Norte. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, n. 100, p. 13, maio/jun./jul. 1953.

LINS, Maria Afonso. Cada história é um grito de dor. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, n. 97, p. 9, dez. 1952.

MAIA, Pedro Moacir. *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro*. Salvador: EDUFBA, 2008.

MOCHEL, Arcelina. Nossos problemas. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 1, 25 jul. 1947.

MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

MOURÃO, Rui. *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Arquivo, 1971.

PAZ, Mariza Campos da. *Nieta dos Campos da Paz*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

POR UMA REVISTA. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, n. 101, p. 3, ago./set. 1953.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

_____. *Histórias incompletas*. Porto Alegre: Globo, 1946.

_____. *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962.

_____. *Conversas*. Org. Thiago Mio Salla e Ieda Lebensztayn. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. Depoimento de Graciliano Ramos sobre *Vidas secas*. In: *Vidas secas*. Ed. fac-similar da 1. ed., de 1938. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1988. p. 200-2.

RUBIM, Antônio Canelas. *Partido Comunista, cultura e política cultural*. 1986. Tese (Doutorado em Sociologia) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: MORAES, João Quartim de (org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. v. 3, p. 403. 5 v.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

UM JORNAL que diz a verdade. *O Momento Feminino*, Rio de Janeiro, n. 100, p. 3, maio/jun./jul. 1953.

Data de recebimento: 30 out. 2015

Data de aprovação: 2 dez. 2015.